Lex

INÊS SEQUEIRA MENDES MANAGING PARTNER DA ABREU ADVOGADOS

"Para os investidores, o grau de atratividade do país continua em alta"



Portugal mantém-se atrativo para os investidores, considera a advogada Inês Sequeira Mendes, que defende ainda ser importante aproveitar a injeção de fundos europeus para desenvolver o país.

JOÃO MALTEZ
jmaltez@negocios.pt

Para os investidores, Portugal continua a ser um país atrativo e os projetos estruturantes que estão na calha, ao nível das energias renováveis, infraestruturas ou transportes, deixam antever que assim se manterá. Quem o defende é Inês Sequeira Mendes, 'managing partner' da Abreu Advogados, que em entrevista ao Negócios fala ainda da faturação recorde da sociedade, do mercado da advocacia e dos prémio europeus que recebeu quer a nível individual, quer em nome da sua equipa.

A faturação da Abreu Advogados em 2023 foi na ordem dos 50 milhões de euros, quase o dobro face há cinco anos. Que tipo de trabalho foi preciso desenvolver para atingir este patamar?

Estes são os resultados globais de toda a rede Abreu. Chega-se aqui, essencialmente, com uma equipa muito focada naquela que é a estratégia que tem vindo a ser definida pelos sócios. Foi feita uma aposta muito grande na nossa internacionalização, que já vem praticamente desde a fundação da sociedade, porque quando chegámos ao mercado tínhamos já grandes firmas instaladas e tornou-se necessário fazer outras apostas.

Quando refere que os resultados são de toda a rede Abreu, está a falar de quê? É através dessa rede que obtêm a vossa faturação internacional, que é na ordem dos 40% do total, segundo referem?

O trabalho engloba não só o trabalho que temos desenvolvido com os nossos parceiros nos países de língua oficial portuguesa, sobretudo em Angola, Moçambique e Timor-Leste, mas também toda a clientela internacional.

Em que outros países?

Estados Unidos, Reino Unido ou Espanha. São mercados com os quais trabalhamos muitíssimo. Quando falamos dos 40%, e tem sido ligeiramente acima desse valor, englobamos todo o trabalho com clientes internacionais.

Nos últimos anos têm apostado no reforço da vossa equipa através de integrações externas. A estratégia é para continuar?

É claramente para continuar. Estamos sempre atentos aos nossos pares e a tentar progredir, acrescentando valor e desenvolvendo novos nichos de mercado. Estamos também sempre à procura de novas oportunidades para desenvolver a nossa especialização, fator que é determinante. É essencial termos connosco as pessoas que mais se destacam e que possam de facto assegurar um trabalho mais consistente para os nossos clientes.

Recentemente anunciaram a promoção de um conjunto de advogados a sócios. Que importância atribuem ao crescimento orgânico?

Sim, fizemos os convites, e foram aceites, a três dos nossos colegas que já trabalhavam na Abreu. O Gonçalo Malheiro, muito ligado à área do contencioso, em especial a arbitragem; a Maria Inês Assis, no fiscal; e o Nuno Luís Sapateiro, que tem a sua atividade muito focada na aviação e nos seguros. O crescimento orgânico é absolutamente essencial para reconhecermos a nossa equipa.

Essa aposta no crescimento orgânico prende-se também com a capacidade de reter talento. De que que forma o fazem?

Temos feito um trabalho muito profundo nessa área. A retenção passa, naturalmente, pelas questões financeiras, mas cada vez mais também por outros fatores. Fazemos uma aposta forte na formação, no capacitar as pessoas para desenvolverem competências, assim como nos preocupamos com o equilíbrio entre a vida pessoal e a prestação profissional.

A Abreu definiu como um dos seus objetivos estratégicos integrar o conjunto de sociedades com notoriedade no mercado. Esse propósito já foi conseguido?

Tínhamos como objetivo tornar-nos uma das maiores sociedades portuguesas 'full service' independentes e estamos lá. Portanto, considero que foi um objetivo atingido, mas que pode sempre ser melhorado.

Como é que classifica o mercado português da advocacia organizada em regime societário?

É um mercado profundamente concorrencial, não só entre as grandes sociedades portuguesas, mas envolvendo também as sociedades internacionais, que têm vindo a estabelecer-se em Portugal e continuam a fazê-lo.

Estamos a falar de um mercado relativamente pequeno, mas as sociedades internacionais continuam a chegar. Há espaço para todas?

O mercado não é assim tão pequeno. O país pode não ser dos maiores e a nossa economia também não, mas temos ainda muita margem para crescer. Temos empresas portuguesas boas e robustas que têm um caminho para fazer no sentido da sua internacionalização.

De que modo pode uma sociedade de advogados ajudar as empresas a seguir esse caminho?

Tínhamos como objetivo tornar-nos uma das maiores sociedades portuguesas 'full service' e estamos lá. Foi um objetivo atingido, mas que pode sempre ser melhorado.

IM. | Copyright licensed by Visapress | P. 1 of 2

Pedro Catarino



Esse é um dos nossos focos e está relacionado com as apostas que fazemos nas parcerias regionais. As parcerias que fizemos em Águeda e em Coimbra têm muito que ver com a internacionalização das Pequenas e Médias Empresas (PME). É por essa via que podemos dar apoio às PME nacionais, onde há claramente espaço para crescer. São boas empresas, bem estruturadas e têm um mundo aberto também para se desenvolverem.

Em Portugal, contamos atualmente com um Parlamento fragmentado e suscetível de criar instabilidade. Como é que os vossos clientes estrangeiros reagem a este tipo de situações? Até que ponto lhes é indiferente?

Nunca lhes é indiferente. Claro que tudo funciona melhor quando há estabilidade no país. Portugal, aliás, tem tido um percurso de estabilidade. Agora, sobretudo neste momento de grande incerteza a nível internacional, era importante termos, pelo menos nas linhas base da definição da economia, algum acordo entre os vários partidos que permitisse assegurar essa estabilidade.

De que forma influencia os investidores a grande incerteza que existe sobre a evolução da conjuntura internacional?

Vivemos num mundo muito conturbado. Nunca houve tantas eleições tão importantes ao mesmo tempo pelo mundo fora, mas este é um contexto que as empresas e os empresários já incorporaram na sua decisão de negócios.

Há uma espécie de habituação?

Há aqui alguma habituação a um contexto político mais ou menos incerto, mas com grande foco naquilo que é a criação de valor e em encontrar novas oportunidades de crescimento. Os investidores já se aperceberam que o mais importante é de facto terem uma grande capacidade de resiliência e de adaptação. Temos desafios, mas temos muitas oportunidades em Portugal.

Portugal continua a ser atrativo para quem quer investir?

Continua. Para os investidores, o grau de atratividade do país continua em alta. Temos não só profissionais muito qualificados, mas também boas condições. Além do clima, temos a segurança, que também é muito importante. Portanto, tudo isso ajuda a um ambiente mais favorável e à atração de investimento estrangeiro.

Que áreas da economia nacional estão a ter maior capacidade de atração?

A energia é uma principais. Portugal está particularmente avançado em tudo que são as energias renováveis. Depois, temos toda a transição digital. Temos igualmente os fundos do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), com toda a transformação da economia que lhe está associada. Além disso, temos a a parte dos transportes e das infraestruturas. Temos a Alta Velocidade. Temos o novo aeroporto.

Há muito onde apostar.

Temos uma série de projetos estruturantes e acho que o foco tem de ser muito esse, de aproveitar essa injeção de fundos que não podemos perder.

Recentemente foi distinguida como 'managing partner' europeia do ano, no âmbito dos 'The Lawyer European Awards'. Que importância atribui a esse prémio?

Não estava de todo à espera, Para mim, foi sobretudo um reconhecimento do trabalho que fazemos desde há anos , com uma equipa que tem sido fantástica. É um prémio de equipa. Para mim, devo dizer, mais do que esse prémio individual está o facto de termos sido reconhecidos como a 16.ª sociedade europeia mais inovadora.

O que a leva a dar essa importância à distinção no campo da inovação?

Porque essa sim tem sido uma aposta muito grande da nossa parte. Isto, não desmerecendo o outro prémio, que obviamente me deixa muito muito contente, mas que eu atribuo a um grande trabalho de equipa. Sem a equipa não teria sido possível de todo. ■

Sobretudo neste momento de grande incerteza a nível Internacional, era importante termos, nas linhas base da definição da economia, algum acordo entre os vários partidos.